



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PERÍODO PANDÊMICO: experiências  
no Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

**MARIA IZABEL ALVES DE FREITAS**

**CATOLÉ DO ROCHA- PB  
2022**

**MARIA IZABEL ALVES DE FREITAS**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PERÍODO PANDÊMICO: experiências  
no Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier

**CATOLÉ DO ROCHA/PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freitas, Maria Izabel Alves de.

O ensino de língua portuguesa no período pandêmico: experiências no estágio supervisionado na educação de jovens e adultos (EJA) [manuscrito] / Maria Izabel Alves de Freitas. - 2022.

35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Pandemia da Covid-. 2. Estágio Supervisionado. 3. Língua Portuguesa. 4. EJA. I. Título

21. ed. CDD 374

**MARIA IZABEL ALVES DE FREITAS**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PERÍODO PANDÊMICO: experiências  
no Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Aprovado em 29/11/2022

**Banca examinadora**

*Keila Lairiny Câmara Xavier.*

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier – UEPB/Campus IV  
**Orientadora**

*Eianny Cecília de A. P. e Almeida*

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida – UEPB/Campus IV  
**Examinadora**

*Sanzio Mike Cortez de Medeiros.*

Prof Ms. Sanzio Mike Cortez de Medeiros– UERN

**Examinador**

**Católé do Rocha – PB  
2022**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a **Deus** pelo dom da vida, por ter-me feito sonhadora, persistente e sobretudo forte. Essa é mais uma etapa que concluo, uma importantíssima, que me transformou como pessoa e me constitui uma profissional. Tantas pessoas que participaram e me ajudaram a vencer os obstáculos encontrados ao longo do curso, que se torna difícil não falar delas especificamente.

Aos meus pais, **Everaldo e Natânia Maria**, por me dar a vida, por sempre me mostrarem o caminho certo e pelo amor incondicional.

Aos meus avós, **Francisco Amancio e Neli**, que também são meus pais, sem vocês nada seria possível.

Ao meu noivo, **Mikael Lamon**, pelo companheirismo, paciência e motivação constantes.

Aos meus tios, que também me amam como pais, junto aos primos que divido laços de irmandade. Gratidão a toda minha família por acreditarem no meu sucesso.

Foram momentos de muitas dificuldades, desânimo, cansaço, mas estes necessários na trilha para essa conquista. Há também a felicidade, as marcas dos momentos alegres e risadas compartilhadas com meus colegas **Ana Cecília, Daniele, Joseane e Witallo**, obrigada pelo apoio recebido e os conselhos encorajadores, tornando-se amigos e hoje tenho o prazer de inclui-los na minha vida.

Obrigada a minha orientadora **Keila Lairiny**, por me auxiliar com muita paciência e sobretudo competência. Gratidão a banca examinadora, **Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida e Sanzio Mike Cortez de Medeiros**. Enfim, a única palavra que cabe a este momento é gratidão, meu coração de felicidade transborda por todos os momentos que vivi e todas as pessoas que conheci durante esses cinco anos de faculdade.

## RESUMO

No campo da educação, foi necessário adotar o Ensino Remoto Emergencial (ERE), para enfrentar as dificuldades educacionais causadas pela pandemia da Covid-19. Nesse contexto, professores e alunos tiveram que se adaptar a esse novo cenário e ao uso das ferramentas tecnológicas digitais, no entanto, muitas dificuldades cercaram esse período, o que deu origem a novas discussões sobre o conceito de sala de aula. As dificuldades de ensino e aprendizagem causadas por salas de aula remotas têm afetado a educação em vários níveis. Nesse cenário, este trabalho de pesquisa tem como foco analisar: o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período pandêmico atrelado a utilização das novas tecnologias a partir das experiências do Estágio Supervisionado. Para atingir este objetivo, fundamentamos teoricamente nos estudos de Almeida (2020), Antunes (2003), Cunha, Silva, e Silva, (2020), Freire (1997), Moran (2015), Marcuschi (2008), entre outros estudiosos, para a análise de discursos dos alunos componentes da turma. Portanto, o presente trabalho aponta para a necessidade de ressignificação do conceito de sala de aula, do papéis desempenhados pelo professor e aluno no processo de aprendizagem em consonância a práticas pedagógicas contextualizadas e pensadas a partir do conhecimento do público alvo.

**Palavras- chave:** Pandemia da Covid-19. Estágio Supervisionado. Língua Portuguesa. EJA.

## ABSTRACT

In the field of education, it was necessary to adopt remote education to face the educational difficulties caused by the Covid-19 pandemic. In this context, teachers and students had to adapt to this new scenario and the use of digital technological tools, however, many difficulties surrounded this period, which gave rise to new discussions about the concept of the classroom. Teaching and learning difficulties caused by remote classrooms have affected education at various levels. In this scenario, this research work focuses on analyzing: the teaching of Portuguese Language in *Youth and Adult Education* in the pandemic period tied to the use of new technologies from the experiences of supervised internship. To achieve this goal, we theoretically based on the studies of Almeida (2020), Antunes (2003), Cunha, Silva, and Silva, (2020), Freire (1997), Moran (2015), Marcuschi (2008), among other scholars, for the analysis of discourses of the students who are members of the class. Therefore, the present work points to the need to resignify the concept of classroom, of the roles played by the teacher and student in the learning process in line with contextualized pedagogical practices and thought from the knowledge of the target audience.

**Keywords:** Pandemic of Covid-19. Supervised Internship. Portuguese Language. YAE.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>2 ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Dificuldades educacionais no período pandêmico .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 O ensino de Língua Portuguesa frente a pandemia .....</b>	<b>16</b>
<b>3. RELATO DA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Metodologia de pesquisa.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Estágio de docência no Ensino Médio (EJA).....</b>	<b>24</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....</b>	<b>33</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A disseminação da pandemia mundial da Covid-19 modificou a vida de milhares de pessoas. No campo educacional foi necessário adotar o Ensino Remoto Emergencial (ERE), para atender as dificuldades educacionais do momento. Nesse contexto, os professores tiveram que se adequar a esse novo cenário, assim uma das ferramentas bastantes utilizadas nesse período foram as tecnologias digitais, para que assim pudesse atender as novas exigências do contexto educacional, levando conhecimento aos alunos de diferentes lugares e idades, para tentar suprir a necessidade que se apresentou no mundo por causa da pandemia.

O Ensino Remoto Emergencial, implementado devido à pandemia de Covid-19, previu o enfrentamento de diversos infortúnios na educação, alguns dos quais, já existentes, apenas se agravaram. Com base nisso, torna-se importante a reflexão das práticas docentes nessa categoria, pois trata-se de uma realidade que estamos enfrentando atualmente e que precisa ser discutida, buscamos contribuir também, com o campo do conhecimento em que se constitui a Educação de Jovens e Adultos, , acreditamos que o presente estudo possibilita importantes discussões para as áreas de ensino, para os estudos pautados em equidade contribuindo, também, diretamente para ressignificação das convencionais pedagogias universitárias de alunos estagiários do curso de letras portuguesa na Universidade do Estado da Paraíba (UEPB).

Levando em consideração essas colocações, este estudo tem como objetivo discutir sobre as experiências que presenciamos no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no Ensino Médio, vinculado ao curso de Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paraíba (UEPB). Para tanto, o estudo se baseia em uma análise crítica reflexiva de experiências durante a prática, em turma de educação de jovens e adultos (EJA), de uma escola pública do estado da Paraíba. Desta forma procuramos relatar o período intervenções e considerar as dificuldades do ensino a distância e os impactos futuros decorrentes desse período.

Nesse contexto, para esse estudo postulamos como objetivo geral analisar o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período pandêmico atrelado a utilização das novas tecnologias a partir das experiências do Estágio Supervisionado. Diante desse objetivo geral elencamos alguns outros específicos: Refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa no período remoto na (EJA); compreender a utilização das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

No presente trabalho optou-se metodologicamente, por uma abordagem de caráter qualitativa que transcorrerá pela utilização de pesquisa bibliográfica, segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa deve ter como interesse principal uma lógica que permeie a prática que se dá na realidade, correspondendo a um processo mais profundo de relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis, porque a pesquisa qualitativa se estabelece na participação entre os sujeitos envolvidos no processo, que confirmam os sentidos, representações sociais significativas que permeiam os espaços investigados. Mediante a isso, ao desenvolver a pesquisa, tomamos como base teórica os estudos de autores de renome na área como Almeida (2020), Antunes (2003), Cunha, Silva, e Silva, (2020), Freire (1997), Moran (2015), Marcuschi (2008), entre outros estudiosos que se dedicaram a este tema, propondo discussões que visam tornar a prática pedagógica significativas para os alunos.

Levando em consideração o contexto apresentado o presente trabalho de pesquisa está dividido em, inicialmente a contextualização do nosso estudo, discutindo as perspectivas e rumos que a educação nacional tomou durante o isolamento pandêmico. Em seguida, abordaremos sobre como deu-se o ensino de Língua Portuguesa frente ao período pandêmico. Quais as dificuldades e os procedimentos metodológicos empreendidos. Posteriormente, a metodologia em que funda nossa análise, para, no tópico seguinte, analisarmos a experiência vivida no estágio supervisionado, a partir de um olhar científico discutindo as perspectivas da pedagogia pautadas no aporte teórico. Por fim, apresentamos nossas considerações junto as referências que sustentaram nosso trabalho.

## 2 ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Buscamos analisar as dificuldades decorridas durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) as condições em que se realizou e as soluções que permitam a adaptação do ensino, considerando a interação de estudantes e docentes com a tecnologia. Os formatos de ensino e aprendizagem *on-line*, nesse cenário a consolidação tecnológicas aconteciam lentamente nas últimas décadas, porém, ao longo do ano de 2020, elas se tornaram de grande importância perante as instituições de ensino que abraçaram a modalidade estratégica que baseou-se nos cursos de Ensino a Distância EAD, e os novos conceitos educacionais que trouxe a contemporaneidade digital para a ressignificação do conceito de sala de aula, junto a outras questões que o sucederam, como sociais e emocionais.

### 2.1 Dificuldades educacionais no período pandêmico

No ano de 2020 o mundo parou diante do impacto que o surgimento do vírus Covid-19<sup>1</sup> causou, sendo suspensas algumas atividades que eram realizadas presencialmente, surgindo a necessidade de adaptação para que o desenvolvimento dessas ações. É fato que a pandemia acelerou processos, um deles foi a mudança de suporte utilizado para mediar o processo de ensino e aprendizagem, visto que em tempos pandêmicos foi necessário mudar as metodologias de ensino, os professores tiveram que se adequar as tecnologias e renovar seus métodos de educação para inovar e incorporar através da *internet* um novo meio de lecionar remotamente, levando conhecimento aos alunos de diferentes lugares e idades, a fim de que com a adoção desses métodos superassem as necessidades que se apresentaram no mundo devido à pandemia.

Particularmente no campo educacional, nos encontramos na “era digital”, que mesmo sem perceber o período remoto colaborou para a propagação da cultura da aprendizagem à distância, a partir da inserção cotidiana dos espaços de aprendizagem por mediação tecnológica, possibilitada pelos dispositivos móveis e os meios eletrônicos em geral, aproximando os cursos abertos *on-line* gratuitos, as plataformas digitais da educação, há também, o ensino híbrido. Nesse tipo de abordagem, é possível aproveitar as vantagens da aprendizagem presencial e da aprendizagem a distância, para oferecer soluções que permitam a customização do ensino. A

---

<sup>1</sup> Coronavírus são uma grande família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus (COVID-19) foi descoberto em dezembro de 2019, na China. A doença pode causar infecções com sintomas inicialmente semelhantes aos resfriados ou gripes leves, mas com risco de se agravarem, podendo resultar em morte.

metodologia híbrida compreende a aprendizagem presencial, considerando a interação de estudantes e docentes com a tecnologia, enquanto o primeiro enfatiza o contato direto com o educador, o que permitirá a personalização do ensino e o trabalho em grupo, o segundo oferece a flexibilidade de tempo, ritmo e lugar como uma das vantagens do ensino híbrido. A importância de uma abordagem híbrida é que ela considera que o aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ambiente online, dentro ou fora do espaço escolar, com algum elemento de controle ao longo do tempo, local, percurso e / ou ritmo, e em parte por meio do encontro face a face com o professor, no espaço físico da escola.

Segundo o pensamento de Moran (2015, p.27), considera que: “A educação sempre foi híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo”. Mas, considerando a inviabilidade momentânea para implantação dessa modalidade, deve ser uma ideia a ser amadurecida como forma de segurança, garantindo possibilidades, em casos futuros de crises duradouras e repentinas, como no caso, da Covid-19. Essas diversidades em formatos de ensino e aprendizagem on-line vinham se consolidando lentamente nas últimas décadas, porém, ao longo do ano de 2020, elas se tornaram de grande importância perante as instituições de ensino que abraçaram a modalidade do Ensino Remoto Emergencial.

Ensinar remotamente vem sendo atrelado, também, ao sinônimo de ensinar a distância, o que é errôneo afirmar, embora esteja diretamente interligado ao uso de meios digitais para ser realizado, esta, a semelhança que os ligam, mas se baseiam em princípios diferentes, Almeida (2020. p.18), afirma:

“dentro da ideia de ensino híbrido há momentos de escola remota, de aprendizagem remota, de ensino remoto. No entanto o que vimos no isolamento social por conta da pandemia foi uma mistura que ora parecia com ensino remoto – na maioria das vezes, ora parecia EAD, ora parecia e-learning, ora tantas outras coisas”. Almeida (2020. p.18)

Esse meio de ensino se utiliza de ferramentas que antes não eram direcionadas para fins educacionais, não havia um olhar que as rumassem como sendo práticas inovadoras. As estratégias, variabilidade de práticas, é definida a partir da familiaridade e da habilidade do professor em manusear os recursos disponibilizados, esse ponto se constrói já inicialmente como um dos principais problemas no ensino remoto.

Segundo uma pesquisa apresentada pelo site G1, levantada pela UFMG e CNTE, realizada durante o ano de 2020, entrevistando cerca de 15.654 docentes, sobre o como se desenvolveu o trabalho dos professores da rede pública durante a pandemia mostrou dados catastróficos, apontam que “89% não tinha experiência anterior à pandemia para dar aulas remotas – e 42% dos entrevistados afirmam que seguem sem treinamento, aprendendo tudo por conta própria. Para 21%, é difícil ou muito difícil lidar com tecnologias digitais. Quase 70% dos entrevistados afirmaram: “Somos analfabetos digitais”. (G1, 2020).

A resistência abrir espaço na sala de aula para os artifícios tecnológicos que perdura no campo educacional, possui uma relação direta com a falta de aptidão do professor no uso das ferramentas digitais necessárias. Em uma pesquisa realizada pelo movimento, todos pela educação com suporte em dados do CETIC (2018) e do INEP (2017), 67% dos professores, por exemplo, identificaram a carência de aprimoramento ou capacitação para empregar a tecnologia de ensino para se estruturar adequadamente o processo de aprendizagem. A investigação também revela que 76% dos professores estão efetuando ações para aprender sobre tecnologia educacional visando vencer os repositos atuais. Indicam também que a maioria dos professores não contém formação primária ou pós-secundária para a utilização da tecnologia na educação. No contexto pandêmico, perante o momento de crise, a inaptidão no domínio de ferramentas digitais, tornou-se alvo para críticas e desrespeito, quando deve-se cobrar investimentos para educação que incluam aprimorar a qualificação do docente, esse fato gera desequilíbrio e percas para ambas as partes, como afirmam os autores Joye, Moreira, Rocha (2020):

“Cabe lembrar que não apenas as crianças foram impactadas como essa nova forma de trabalho, mas o professor também, uma vez que, pouco habituado às questões ligadas ao uso da tecnologia na sala de aula, passou a produzir vídeo aulas e outros recursos digitais, muitas vezes de forma solitária e sem a formação necessária para executar tal desafio”. (JOYE, MOREIRA, ROCHA, 2020, p.11)

Por esta razão, percebe-se a necessidade do apoio institucional para com o mesmo. O professor que não obteve formação para utilizar os recursos tecnológicos demanda muito esforço e conseqüentemente depende muito tempo para tornar suas aulas mais atrativas, muitas vezes sem êxito. Quando ocorre o oposto, professor, que possui o domínio das tecnologias e o faz de forma eficaz, a tendência é contribuir com os educandos, no sentido de aprimorarem os conhecimentos já adquiridos e a adquirirem novos conhecimentos, Delors (2003), sistematiza que:

“A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua os professores, do que pela sua formação inicial... A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor económico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer”. (DELORS, 2003, p. 160)

Como consequência, essa falta de preparação e investimento para com o mesmo gera o distanciamento com os discentes, pois, não há mais possibilidade de exclusão das ferramentas digitais da funcionalidade cotidiana, essa persistência em tentar manter o ciberespaço fora da educação causa a desmotivação e posteriormente a evasão escolar. Corroborando com esses indicadores, Almeida (2020, p. 18) diz que:

“Professores tiveram muitos problemas. Alunos tiveram muitos problemas. Todos aqueles atores do processo educativo que tanto resistiram à mudança, precisaram experimentá-la. E, é claro, como não havia nenhum preparo anterior, a ação, emergencialmente composta para garantir o envolvimento do aluno com os conteúdos, não poderia ter dado 100% certo. Falo do ensino remoto.” Almeida (2020, p. 18)

Além das questões acima, o ensino à distância deve ser feito em condições técnicas que a tornam viável. A educação é um processo que pressupõe o encontro, como diz Freire (2004). O segundo maior percalço da modalidade remota a ser mencionado são as diferenças socioeconômicas do nosso país, que corroboram com impedimento de acesso, essas que sendo expostas de forma aterradora nesse momento de crise mundial. Como afirma Cunha, Silva, e Silva, (2020, p. 34):

“Os indicadores apresentados corroboram a ideia de que o ensino remoto mediado por tecnologia digital, nesta situação de pandemia, é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem” (CUNHA, SILVA, SILVA, 2020, p.34).

A maior preocupação é com sucesso de conseguir flexibilizar o acesso às aulas e atender os diferentes discentes em suas diferentes realidades. As limitações de acesso à internet impossibilitam o acesso às aulas e materiais, segundo a UNESCO (2021) que apresentou a última avaliação de desenvolvimento da internet no Brasil, diz que um em cada quatro brasileiros não tem internet, 95% na classe A acessam a internet, 93% na classe B, 78% na classe C; 57% nas classes D e E, e, entre os analfabetos apenas 16%,). Mesmo que tenhamos o

Artigo n.º 206 da constituição criado para garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, percebe-se que tal direito não se concretiza, pois, há muito tempo surgiram discussões sobre a desigualdade nas condições de acesso à educação dos estudantes brasileiros, sobretudo, se compararmos aos alunos que frequentam as instituições privadas. O Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) manifestou-se em nota “estar preocupado com os prejuízos causados aos estudantes de baixa renda pela suspensão das aulas em todo o país, pois nem todos os alunos têm igual acesso à internet e a recursos digitais”.

Algumas instituições se debruçaram nas possibilidades que tornariam possível o acesso dos educandos ao material didático, adotaram estratégias como a disponibilização dos materiais didáticos necessários para as aulas de forma impressa, para que os pais ou responsáveis fizessem a coleta, junto a outras estratégias, como Cunha, Silva, e Silva, (2020, p.33) relata:

“Quanto a previsão de fornecimento de material impresso para os inacessados virtualmente cabe ressaltar que é uma garantia importante, mas a logística dos alunos está prejudicada com a pandemia. E mesmo que, se todos nessa condição conseguirem ir à escola, essa medida é potencialmente mais danosa que o ensino remoto, por conta da exposição dos alunos/familiares ao contágio no deslocamento para obtê-lo.” (CUNHA, SILVA, SILVA, 2020, p.33).

Tais iniciativas devem ser expostas para servirem de exemplos, são, sem dúvidas, plausíveis, porém, infelizmente colocadas em prática de forma isolada não conseguir ser capazes de atingir a equidade, mesmo com tais esforços, está nítido que será tortuoso o caminho de restaurar a perda curricular destes estudantes, que estarão em uma severa desvantagem nas concorrências dos futuros vestibulares e concursos.

Ainda que as dificuldades de acesso à internet de qualidade fossem solucionadas conseguindo abranger os números atuais de alunos matriculados nas escolas do nosso país, não solucionariam adversidades das demais barreiras, pois, os jovens da atualidade são versados na cultura de busca por conhecimentos pelo meio de dispositivos móveis, aptidão que pode ser explorada no âmbito educacional por meio de gêneros textuais digitais.

Frente a tais dificuldades, ainda há as questões emocionais de lidar com tais realidades, a preocupação é a instabilidade emocional tanto de alunos, quanto de professores, resultantes do isolamento social, como grande potencial em gerar danos no processo de aprendizado, não é uma situação fácil para ninguém, adaptar-se a uma nova dinâmica de ensino com pessoas do outro lado da tela e com os colegas e figuras de apoio distantes. Segundo o Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) afirmam que os casos de

ansiedade, estresse e alterações psicológicas tiveram um aumento em cerca de 80% durante o isolamento social causado pela pandemia de COVID-19.

Para os alunos, a ausência dos colegas e principalmente do professor no processo, ainda mais repentinamente, pode afetar significativamente o desempenho, da mesma forma para os professores, esse processo de adaptação, exigirá uma reinvenção da linguagem, metodologia e relacionamentos. Ainda sobre tais dificuldades, o Ministério da Educação (MEC), orienta as instituições, que o segredo dessas situações incomuns é:

“Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares”. (BRASIL, 2020c, p.09)

Quanto mais durar o período de distanciamento social, mais essa dinâmica de ensino à distância dependerá da participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento e mediação das atividades escolares. A família deve oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento do educando, cuidar da saúde, alimentação, e outros cuidados que visam à formação plena do aluno, que geralmente alguns dos estudantes não possuirão apoio da família. Por outro lado, os educadores e todo corpo escolar devem estar preparados para esse novo paradigma de ensino, de modo que consigam transmitir aos alunos, de maneira adequada, o conteúdo estudado, cuidar da socialização e compreensão do aluno. O ensino remoto tornou-se uma realidade, e a educação precisa dar respostas adequadas para esse cenário.

A educação é um processo social, que não pode ser reduzido a um processo técnico, pois, necessita de uma relação/troca social, de um lado a família, de outro o corpo docente. Como um processo que presume o encontro, como afirma Freire (2004), o ato de ensinar se realiza visando à aprendizagem, não podendo ser um ofício solitário, mas uma ação que se constrói conjuntamente entre os sujeitos participantes desse processo, não existe docência sem discência. De acordo com Cunha, Silva e Silva (2020, p.35):

“essa situação emergencial tem muitas limitações, isso porque ainda que as condições ideais ocorressem, quais sejam: todos os interessados tendo uma conexão ao seu dispor e os professores produzindo um material diverso e bem fundamentado, faltaria diálogo, atividades colaborativas e interação.” (CUNHA, SILVA, SILVA 2020, p.35).

Como um processo que presume o encontro, o ato de ensinar se realiza visando à aprendizagem, não podendo um ofício solitário, mas uma ação que se constrói conjuntamente entre os sujeitos participantes desse processo, não existe docência sem discência, como afirma Freire (2004). A educação é um processo social, que não pode ser reduzido a um processo

técnico, pois, necessita de uma relação/troca social, de um lado a família, de outro o corpo docente.

A família deve oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento do educando, cuidar da saúde, alimentação, e outros cuidados que visam à formação plena do aluno. Por outro lado, os educadores e todo corpo escolar devem estar preparados para esse novo paradigma de ensino, de modo que consigam transmitir aos alunos, de maneira adequada, o conteúdo estudado, cuidar da socialização e compreensão do aluno. O ensino remoto tornou-se uma realidade, e a educação precisa dar respostas adequadas para esse cenário.

Nesse íterim, particularmente, algumas disciplinas se destacam por seus traços focados na teoria/prática, como as aulas de língua materna, aos quais, buscamos analisar como se deu o ensino durante o isolamento pandêmico. É importante ressaltar que, apesar das dificuldades impostas pelo isolamento social, a educação ainda é uma prioridade para todos.

## **2.2 O ensino de Língua Portuguesa frente a pandemia**

Sabemos que ensinar não é uma tarefa fácil, requer estudo, pesquisa e planejamento, para Moran (2012, p 16) “A educação tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo momento”, fato que só se concretiza com o intermédio do professor. Infelizmente, os cursos de magistério, e licenciaturas, perduram com foco em repasse de informações e cadeias de regras que tornam o uso da língua portuguesa correta, deixando lacunas na formação o profissional, quando deveria visar à formação de um pesquisador instigado, para que sua formação exista de forma permanente e para a vida toda, como afirma Silva e Nogaro (2015):

[...] o educador é o professor reflexivo, aquele que busca seu constante aperfeiçoamento e preocupa-se com a própria formação de forma contínua, para que possa contribuir com seus alunos na descoberta de conhecimentos que os habilitem a ser autônomos e críticos [...]. (SILVA; NOGARO, 2015, p. 114).

Dando continuidade a esse viés de pensamento, o presente tópico visa analisar o ensino de Língua portuguesa durante o ERE, dificuldades e as possibilidades do componente curricular frente a essa realidade. O ensino e aprendizagem do português vem assumindo no decorrer das décadas diferentes denominações que constroem novas feições. Frente à nova realidade de isolamento social, tornar as aulas e as atividades dinâmicas, interativas, e instigantes foi o desafio central enfrentado, já que a matéria carrega o paradigma de uma grade de regras

estagnadas, que conseqüentemente desperta receio nos estudantes, como ressalta Suassuna (2006):

“[...] se vemos a escola como espaço privilegiado de produção e socialização do conhecimento, temos que admitir que uma de suas funções essenciais é exatamente o ensino da leitura e da escrita. Mas não postulamos aqui o domínio mecânico dessas habilidades, e sim, a conquista pelo aluno, de novas formas de conhecimento”. (SUASSUNA, 2006, p.45)

Durante os dois últimos anos o sentido de escola se desconstruiu e submergiu como algo renovado, portanto, as práticas e conceitos conseqüentemente seguem o mesmo destino. No que remete ao ensino de Língua Portuguesa, as aulas precisam estar amparadas pelos princípios norteadores, voltados para o desenvolvimento de competências e habilidades que promovam a formação do ser crítico, pois, a aversão dos estudantes às aulas de português decorre das dificuldades de compreensão do ensino descontextualizado, levando-os a sentir que são incapazes de aprendê-la como se a língua se suprimisse somente aos textos escritos e padrões cultos, reprimido a diversidade da língua em fragmentos isolados, contrapondo-se ao que se alega sobre a importância das aulas, que prioritariamente tem o objetivo de desenvolver as competências e exigências comunicativas, desenvolvimento este, que se torna incapaz de acontecer quando desmembramos a prática escolar(gramática), do uso cotidiano (oralidade).

Adquirimos desde cedo os conceitos básicos dos estudos de língua materna, o conceito da gramática, que é o conjunto de regras que regulam o uso de uma língua, e do vocabulário, que é o conjunto de palavras de uma língua. A competência gramatical é a capacidade do usuário de uma língua em produzir seqüências linguísticas gramaticais, ou seja, seqüências consideradas inerentes ou típicas de uma determinada língua. E a competência linguística a capacidade de um usuário da língua de se comunicar de forma eficaz. Isso inclui a habilidade de se expressar de forma clara e precisa, bem como de compreender o que é dito por outras pessoas. Então, surge a interrogação, qual desses dois domínios é superior ao outro? Respondendo à essa perquirição, Antunes (2003), esclarece que “não existe falante sem conhecimento de gramática” (ANTUNES, 2003, p. 86), pois, já nascemos com uma “gramática internalizada”, o mecanismo linguístico funciona de forma inconsciente, pois por ele passamos constantemente e nem sequer nos damos conta da sua existência.

No que concerne ao estudo de língua materna, com raras exceções, temos tido, até o momento, um ensino centrado em gramática, tratando pouco, ou quase nada, da questão da produção oral e escrita, os alunos aprendem a língua, na maioria das vezes, de forma intuitiva,

pela apropriação natural do ambiente linguístico em que vivem. A memorização de regras gramaticais, sem a devida contextualização, não favorece o aprendizado de uma língua, pois não leva o aluno a produzir as sequências linguísticas de forma natural, ou seja, a partir da imersão na língua, sendo os gêneros produtos sociais, que surgem do convívio com as diversas situações de comunicação existentes na sociedade. A escola, como um ambiente de convívio social, deve ser um espaço propício para o desenvolvimento da habilidade de produzir e interpretar textos situados.

Para Antunes, (2003, p. 15) “O ensino de língua portuguesa não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente”, aprender Língua Portuguesa é, portanto, aprender a produzir e interpretar textos situados, consoante com as normas sociais de linguagem, é se apropriar de uma forma de organização de mundo que se expressa através da língua, é adquirir um conjunto de significados, uma forma de ver o mundo que está expressa através da língua que se aprende, desconstruindo o tabu da produção textual escrita como importância impar relegando a oralidade para secundária, dada pela falta da exploração dos gêneros orais e suas funcionalidades. Esses estigmas rondam o ensino de língua materna nos últimos tempos, sendo alvo de tantas discussões em tempos de “normalidade” ganham outros patamares em tempos incertos.

Durante o período de isolamento, e a obrigatoriedade da aula *on-line*, um dos principais desafios dos professores de Língua Portuguesa é conseguir alcançar a aprendizagem da língua padrão dentro da modalidade virtual, se nas aulas presenciais os conteúdos dos gêneros escritos e exercícios de fixação de normas é precedido de grande receio, nas aulas online essas carências do ensino tradicional de gramática se sobressaem em resultados insatisfatórios. Acreditamos que ensinamos gramática para que os educandos sejam capazes de ler e escrever melhor conforme maior conhecimento de normas que ele apreende, para Marcuschi (2016, p. 57), “o falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua”, ressaltando que a maioria das pessoas que conseguem se comunicar com destreza pelo intermédio de textos escritos e/ou discursos orais não possuem, necessariamente, conhecimento consciente da teoria gramatical e metalinguagem.

A metodologia empregada no ensino de gramática é considerado inadequada por se manter no conceito de divisão das orações entre certo e errado, sem reflexão sobre o propósito dos textos, e as evoluções linguísticas que o tempo e a tecnologia acarretam, deixando o aprendizado com lacunas e conseqüentemente levando a desmotivação do aluno, percebe-se que nos ambientes virtuais educacionais, a comunicação ocorre de forma monótona e restrita

as correções das atividades solicitadas, fato causado pela desmotivação, inutilizando o ensino gramatical, impedindo o despertar do interesse do aluno, pois, os exemplos que lhe são apresentados não se assemelham ao seu cotidiano, e as suas formas reais e usos das quais se utiliza. Em momentos em que os aparatos digitais recebem todo enfoque como ferramenta principal para desenvolvimento das aulas, os professores de Língua portuguesa não podem ignorar as tecnologias como se não afetassem diretamente as articulações da língua, para Antunes (2003, p.36): “Já não há mais lugar para o professor simplesmente repetidor, como disse acima, que fica passivo. [...] O novo perfil do professor é aquele do pesquisador que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre”, percebemos que a relação que o professor constrói com seus alunos colabora diretamente na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento das habilidades linguísticas.

No ERE, os aparatos digitais oportunizaram diversas possibilidades de interações, porém essas interações são limitadas, consideradas superficiais, já que não recebem a concentração devida, dificultando o estabelecimento da relação construída entre professor e aluno, diferente das interações ocorridas nas aulas presenciais, a qual é mais intensa e exige um foco maior, por isso, a interação professor/aluno foi prejudicada nesse período de aulas à distância, já que o professor nunca esteve presente fisicamente para tirar dúvidas, orientar a execução de tarefas, e, principalmente por não poder acompanhar esse processo de aprendizagem diariamente, impossibilitando a percepção de dificuldades que o encontro físico possibilita, e de realizar um diagnóstico dos níveis de aprendizagem dos seus alunos, deixando uma lacuna. Por outro lado, esse distanciamento pede mais responsabilidades por parte do aluno, um raciocínio independente, já que aprendizagem digital tende a reverter os papéis habituais que cabem ao aluno e ao professor no processo educativo, exigindo autonomia do aluno. A questão da flexibilidade do tempo, e organização da gestão do mesmo, exige dos alunos dinâmica, eles precisam organizar sua rotina as demandas escolares, pois, mesmo com materiais didáticos bem planejado em consonância ao uso plausível das ferramentas digitais na EAD, permanece no aluno a incumbência de pesquisar, aprofundar-se em temáticas, ter a iniciativa de buscar. Para Moran (2003, p. 5):

“Com os processos convencionais de ensino e com a atual dispersão da atenção da vida urbana, fica muito difícil a autonomia, a organização pessoal, indispensável para os processos de aprendizagem a distância. O aluno desorganizado vai deixando passar o tempo adequado para cada atividade, discussão, produção e pode sentir dificuldade em acompanhar o ritmo de um curso. Isso atrapalha sua motivação, sua própria aprendizagem e a do grupo, o que cria tensão ou indiferença.” (2003, p. 5)

Percebe-se, que existe uma dependência por parte do aluno, predominante pelas propostas que lhe são apresentadas na educação presencial, onde o ensino é pautado na transmissão de conteúdos pelo professor, ato que, na concepção de Freire (1992), é uma educação bancária. Onde:” O educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente” (1992, p.34). Esqueceu-se de preparar o discente em reivindicar criticamente as teorias, de “aprender a aprender” (CUNHA, 2007). No país de Paulo Freire, espera-se que questões como a construção da autonomia na educação do país seja vista como uma pauta importantíssima a ser constantemente alcançada, o que infelizmente percebemos que não alcançamos.

No que diz respeito as temáticas e conteúdos, os avanços dos gêneros orais sofreram grande impacto. As discussões sobre a exploração da oralidade nas aulas de língua portuguesa, vem ganhando espaço nas últimas décadas, é inegável que ultrapassamos as práticas pedagógicas que englobam apenas os exercícios de metalinguagem, mas, trabalharam-se os gêneros orais partindo do encontro físico, ou seja, a interação face a face entre os envolvidos, o contato direto com as situações e práticas de linguagem diversas, socioculturais, e as afetivas, construídas de forma dinâmica no encontro tradicional, como fatores influenciadores no desempenho linguístico, que, perdeu-se durante o ERE, por afastar-se dessas situações.

Esse regresso se deu pela falta de preparação mútua. De um lado temos o professor, que por sua falta de letramento digital optou, talvez de forma inconsciente, por trabalhar baseando-se em sua zona de conhecimento, ou seja, optando por materiais que não se afastassem demasiadamente do rotineiro, principalmente do livro didático, tornando na maioria das vezes, as atividades e textos do mesmo uma relação exclusiva durante a pandemia, não dando espaço ao enfoque devido dos gêneros textuais e excluindo as atividades que carecem de discursos orais. No que lhe concerne, o aluno, que não teve sua autonomia reconhecida no processo de aprendizagem, e conseqüentemente não possui habilidades que o ajudem na autoaprendizagem que o ERE necessita, elevando de forma avassaladora os números de desistência, pelo fato do aluno não ter a dedicação, organização, nem disciplina suficientes para se adaptar a essa forma de aprendizado. Pelas dificuldades a que todos foram expostos, em alguns casos faltou-se criatividade para reformular os métodos adotados, para Freire, (2014, p.32), “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. A educação é um

processo dinâmico e complexo, no qual um conjunto de fatores interage para influenciar o desempenho escolar e a aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, se evidencia a necessidade de um novo olhar para educação, para as formas de ensino, e laicidade para com a literacias digitais, em especial para com o ensino de Língua Portuguesa. Infelizmente a linguagem escrita permanece como a forma considerada superior, por isso, leva receio as aulas de Língua Portuguesa. O ato de escrever perde o sentido quando realizado de forma programada apenas a grafia correta de palavras, o ato de escrever deve partir do que se tem a dizer, da reflexão e opinião sobre determinado tema, considerando a perspectiva que precede a escrita, desestagnando a língua das cadeias gramaticais, o ato de escrever deve ser uma atividade de expressão, para Antunes (2003):

“A atividade escrita é, então uma atividade interativa de expressão, (ex-“para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações e, crenças ou dos sentimentos, que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para êxito da atividade de escrever”. (ANTUNES, 2003, p.45)

Para que a atividade escrita atinja os patamares desejados, deve ser praticado partindo das vivências sociais, e estruturadas pelas práticas que tornem sua concepção significativa. Os estudos de língua materna, devem ser repensados de modo que esclareça o conjunto, pois, o aprimoramento em determinado gênero resulta em reflexão do outro, se completando, “a atividade de leitura completa a atividade da produção escrita” (ANTUNES, 2003, p. 67). Por isso, a atividade de leitura deve ser exercitada em primeiro plano, para amplia a capacidade de recepção de informações do leitor, como ressalta Irandé Antunes (2003):

‘A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, as pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral’. (ANTUNES, 2003, p.70)

A exploração das atividades de leitura é de suma importância para o desenvolvimento de aquisição da linguagem, a partir da apresentação de novas ideias, teorias e pontos de vista, acontece a ampliação de horizontes dos educandos, como intercâmbio para novos conceitos de interação, fertilizando o uso de gêneros orais, que conseqüentemente influenciara maiores interações sociais junto ao amadurecimento linguístico. A linguagem trabalhada de forma

dialógica, gera um ambiente seguro, de forma que os alunos se sintam aptos a complementarem os conteúdos e exporem suas ideias, vendo e usando os conceitos teóricos de um jeito novo.

Durante a pandemia, as tecnologias possibilitaram a exploração de conteúdos como o citado acima, para muitos professores foi possível diminuir a monotonia das interações nas plataformas educacionais com a adoção de suportes digitais, ferramentas como aplicativo de conversas *WhatsApp*<sup>2</sup>, serviram como suporte para compartilhamento de textos, livros e atividades de uma perspectiva totalmente diferente do convencional, assim como o gênero seminário, que, por exemplo, pode ser apresentado por meio de Podcasts<sup>3</sup>, mídia de grande influência nos ciberespaços juvenis da atualidade, explicitando a necessidade de introdução dos aparatos digitais no âmbito escolar, Freire, busca nos alertar, nos diz que “educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (FREIRE, 1996, p. 16).

No que diz respeito a escrita também houve mudanças, nas aulas presenciais o aluno tende a anotar as falas do professor de modo que muitos dos seus textos possuam apenas repetições, sem traços da sua personalidade e sem que aconteça a pesquisa devida, já nas aulas à distância, a comunicação se dá em maioria por meio da escrita, exigindo o exercício de escrever. Para as turmas que não se conectaram por *Web conferência*<sup>4</sup>, ou aulas gravadas disponibilizadas no *Youtube*, necessitaram de maior número de textos escritos para efetivar a comunicação, o que exigiu do aluno melhor reflexão na escolha de palavras e articulações gramaticais para se fazer entendido, exigindo dele criticidade para formar seus textos, contribuindo na construção da sua autonomia.

---

<sup>2</sup> “O WhatsApp é um aplicativo de mensagens gratuito que permite enviar mensagens de texto e compartilhar outros formatos de mídia.” VOLPATO, Bruno. **Tudo sobre WhatsApp**. Resultados Digitais, 2022. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/localizacao-em-tempo-real-no-whatsapp-como-funciona>. Acesso em 15 de nov. 2022

<sup>3</sup> “O Podcast tem como base o conceito de áudio marketing representando uma boa oportunidade de comunicação, com a proposta de levar mais informação, educar o público, além de produzir materiais que sejam criativos e entretenham o público, em forma de áudio”. BOSCARIOL, Matheus. **Podcast: o que é, para que serve e como fazer um podcast**. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/o-que-e-podcast/>. Acesso em 15 de nov. 2022

<sup>4</sup> “Uma webconferência serve para comunicação síncrona através da Internet, ou seja, você e outras pessoas se encontram em uma “sala virtual online”, em um horário agendado, para discutirem um mesmo assunto”. MOURA, Karina. **Afinal, o que é uma webconferência?**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/mconf/afinal-o-que-é-uma-webconferencia-ad84b8f72852>. Acesso em 15 de nov. 2022

## **RELATO DA EXPERIÊNCIA**

A proposta do gênero Relato de Experiência está baseado no registro de acontecimentos e narrativas, no campo educacional o gênero tem a perspectiva de tornar visíveis as questões educativas que não são encontradas por meio, somente, das teorias, conseqüentemente, o gênero seve de ponte entre os pressupostos teóricos aos conhecimentos que só podem existir a partir da experiencia pratica. Portanto, este texto pretende desenvolver essas ideias, contribuindo em traçar novos olhares para as pesquisas pedagógicas.

### **3.1 Metodologia de pesquisa**

A presente pesquisa tem como método a pesquisa qualitativa, afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) que, "a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto", neste caso a sala de aula. Trata-se, de uma análise sobre o ensino durante o período pandêmico, em especial o ensino de língua portuguesa, para etnograficamente, compreender como se dá o ensino de língua materna nas aulas da modalidade EJA e quais regressos o período de isolamento acarretou.

Por meio de reflexões voltadas para significação da educação para os educandos, buscamos entender os fenômenos educacionais da realidade do ponto de vista dos envolvidos, essa pesquisa tem como eixo central as vivências do estágio supervisionado II com alunos da educação de jovens e adultos (EJA). A educação de jovens e adultos, historicamente oferece uma escolarização insatisfatória, surgindo com finalidade básica de alfabetização, na atualidade volta-se apenas para tornar o indivíduo apropriado dentro do capitalismo, preenchendo as exigências de qualificação no mercado de trabalho. Trata-se de pessoas com inúmeras particularidades, tornando esta, uma modalidade de educação extremamente desafiadora

As aulas da instituição decorriam na modalidade híbrida da seguinte forma: somente três aulas presencias com duração de 30 minutos, nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, as demais três aulas que completavam a carga horaria das seis, eram disponibilizadas na plataforma indivíduo de forma assíncrona, e, as quartas-feiras destinadas às aulas somente online. As aulas de Língua Portuguesa estavam situadas somente na escala das aulas presencias.

Definimos como sujeitos de nossa pesquisa os alunos do EJA, 3º ano do Ensino Médio turno noturno, de uma escola pública da Paraíba. Participaram dessa experiência, 5 alunos,

número esse que variava conforme com o horário das aulas. Denominaremos nomes fictício para especifica-los, entre esses alunos, 3 eram mulheres e apenas 2 homens. Os nomeamos de acordo com os conceitos de Freire (1994), que aborda a educação, o ato de ensinar, e o processo de aprendizagem de acordo com o social que permeia o contexto de seus educandos, vamos caracterizá-los como: 1ª aluna componente, como Esperança, trata-se de uma senhora que trabalha como doméstica, dividindo seu tempo com cuidados com sua própria casa, filhos e marido, havia desistido dos estudos ainda jovem. A 2ª aluna, como Liberdade, trata-se de uma jovem, que em sua adolescência saiu da escola para o serviço autônomo, para ajudar financeiramente a família numerosa. A 3ª aluna, como Sociedade, trata-se de uma adolescente, que foi apresentada a maternidade precocemente, e está constantemente tentando organizar as demais áreas da sua vida ao status de mãe. O 4º aluno, como Ato Político, trata-se de um operário de uma fábrica, que também, desistiu dos estudos quando jovem para ingressar no mercado de trabalho. E o 5º aluno, como Autonomia, trata-se de um dos mais jovens da turma, trabalha no campo e está na modalidade EJA, para conciliar seus estudos ao seu trabalho. Analisaremos os fatos e discursos que decorreram durante cinco aulas aplicadas na referida turma.

Para respondermos os nossos questionamentos, analisamos os discursos dos educandos, partimos dos seguintes questionamentos: Como ocorreu ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período pandêmico? Quais as dificuldades de acessibilidade interferem diretamente esse público? Como atingir o aprendizado a partir de práticas pedagógicas nessa modalidade ensino?

### **3.2 Estágio de docência no Ensino Médio (EJA)**

Na perspectiva freiriana os educadores do EJA precisam desenvolver uma metodologia que viabilize reflexões e conseqüentemente sua criticidade, construindo um indivíduo que assume seu lugar na sociedade, com capacidade de contribuir com responsabilidade ética e política, nas melhorias para sua comunidade. A idealização de educação para Freire, é pautada em liberdade, instigando os sujeitos a expressarem suas opiniões a respeito dos assuntos, realizando tais feitos por intermédio de propostas e materiais que estimulem ações com liberdade em todos os aspectos no cotidiano escolar, compreendendo que o educando dessa modalidade quando decide retomar os estudos pode ser um sujeito ainda não alfabetizado, mas com certeza é um sujeito letrado, não possuindo o domínio formal da

linguagem escrita, mas por causa das vivências sociais de seu cotidiano permitem a compreensão de contextos. Partindo dessas observações como norteadoras do processo de planejamento para esse determinado público, o educador o alcançara de forma equanimemente e proveitosa, a aprendizagem almejada.

Durante o período de observação, tempo destinado a situar-se e entender o ritmo da turma, alguns aspectos de destacam, por exemplo, ficou nítido que a turma possuía uma relação de respeito com a professora, porém, uma interação limitada, que permanecia separada com o padrão de poder na figura do professor.

Tal percepção realça a importância do professor- construtor e também o professor político, caracterizado pela capacidade de, através da relação dialógica professor/aluno, tornar o educando em um aprendiz ativo, já que a educação libertadora atua como ato político. Percebeu-se, também, que a professora, optava por atividades interpretativas de trechos literários limitadas a respostas escritas e sem um tempo voltado para discussão entre os mesmos, gerando receio da matéria. É importante ressaltar que a questão de tempo das aulas foi um grande percalço, exigindo maior dinâmica dos conteúdos para a possível ressignificação do aprendizado. Constatando estes fatos, iniciou-se o período de intervenção. A partir da disponibilização do material e cronograma planejado pela professora, produzimos um cronograma de atividades para turma.

O momento mais importante para o início de um processo que resulte em aprendizado é a sondagem. Conhecer os atuantes daquele espaço e suas culturas constitui a equidade da aula. São as etapas bem planejadas que possibilitam esse resultado, no período de estágio o estudante da graduação encara duras realidades que afastam a prática da teoria, e para amarrar as duas novamente requer que o estagiário se volte para pesquisas de estratégias. A turma em que estagiamos, e relatamos aqui a experiência é composta de 5 alunos, que possuem uma faixa etária de 16 a 40 anos. Seguinte a identificação dos sujeitos que compõem a turma, pudemos observar que a Educação de Jovens e Adultos vem mudando sua identidade na últimas décadas, pois, antes era constituída por pessoas de idades mais avançadas e idosos, notamos que atualmente o número de jovens vem aumentando significativamente, a partir da pesquisa realizada antes do início no período de estágio, percebemos que a EJA está passando por um fenômeno de “juvenilização” na modalidade, cada vez mais jovens tem seus estudos interrompidos por diversos motivos, fato que gera grande preocupação. Amparados pelos ensinamentos de Freire (1997), e sua concepção de pedagogia emancipadora que promoveu autonomia e protagonismo dos seus educandos, juntamente a outros grandes autores, planejamos nossa abordagem.

Sabendo-se das dificuldades que ficaram explícitas no período de observações e dos conteúdos do plano didático apresentados pela professora (planejamento que ela já tinha para todo o semestre), era designado no mesmo o estudo do gênero texto dissertativo, e interpretação textual. Mediante esses fatos, seguiu-se da seguinte forma, situamos a turma sobre o processo em que eles eram os principais atuantes, as metas almeçadas e a importância da atuação deles para esse relato. Iniciamos com o aparato teórico planejado, inicialmente, apresentamos o conceito do gênero junto a estrutura do texto dissertativo, esclarecendo as principais características e contextos de uso, em seguida disponibilizamos fichas com sugestões de temas para eles argumentarem, a escolha desses temas também foi feita por questões culturais observadas a turma. Infelizmente, não foi possível no tempo antes estimado, pois, absolutamente todos os alunos se sentiram relutantes quanto a atividade exigida, alegando não saberem escrever, e não saberem “falar” de modo argumentativo, como completos incapazes de produzir um texto.

Durante uma conversa com a professora ao fim da aula, ela esclareceu alguns pontos sobre a situação da turma, afirmou que houve grande regresso no desenvolvimento dos mesmos durante o período de ensino remoto, com as dificuldades financeiras expostas durante esse difícil momento, impossibilitaram o ensino nesse período. Uma das possibilidades de acesso as aulas, seria a postagem de vídeos no *YouTube*, para um encontro assíncrono, que com a ajuda de familiares chegaria aos alunos sem aparelhos celulares compatíveis a plataforma, porém, a professora relatou não possuir um bom desempenho tecnológico, e pela demanda de tempo dedicado aos seus empregos, não conseguia organizar seu tempo para o aprendizado digital. Então, as aulas decorreram apenas por meio da plataforma *google meet*, e disponibilização de atividades pelo *whatsApp*, determinando o uso do livro didático como exclusivo.

Ao contrário das turmas que concluem o Ensino Básico na idade apropriada, em suma, adolescentes, que estão sempre conectados na internet e redes, exigindo do professor maior desenvoltura digital para conseguir prender a atenção dos mesmos, na modalidade do ensino de jovens e adultos, se destaca de forma contrária, junta-se ao estresse extra sala à falta de habilidades digitais, que nesse relato ocorreu de ambas as partes, afetando diretamente as relações comunicativas, em especiais as orais, e diretamente na emancipação da autonomia e consciência crítica como sendo o principal objetivo desses gêneros. Para alguns dos alunos, como a aluna A, e o aluno E, por não possuírem aparelhos celulares compatíveis as plataformas ou a falta de aparelhos com a tecnologia *android*, recebiam os materiais impressos, ressaltando que o aluno E reside na zona rural e teve dificuldades de adquirir todos os materiais

disponibilizados, passando todo esse período com pouquíssimo contato com a professora e até nenhum contato, ou seja, sem a mediação, auxílio ou explicação de dúvidas.

Em momentos como esse a discussão sobre o papel social da escola se robora, realçando o poder revolucionário depositado no professor por meio de suas escolhas, pensando assim, nos dobramos sobre uma pesquisa sobre práticas pedagógicas que melhor atenderiam as demandas da turma e, ao mesmo tempo também possibilitassem o exercício oral junto expressão de suas ideias, entenderem as dos seus colegas, podendo respeitosamente se posicionar contrariamente. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire(1994), ressalta a importância das discussões orais que se constitua da palavra verdadeira, que implica ação e reflexão. Para Freire, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2003, p. 92). O diálogo é uma ferramenta de comunicação impossível de se distanciar da nossa existência, sendo por meio das relações dialógicas que se configura nosso descobrimento, abrindo espaços para novas experiências. Seguindo essa perspectiva optamos pelo conceito de mesa redonda, que possibilita as discussões orais, posicionamentos, e tende a partir da linguagem dialógica propiciar segurança aos envolvidos para se posicionar.

Nos reunimos em um círculo para a discussão, aproveitamos o momento para realizar uma segunda sondagem sobre as particularidades que levaram os mesmos a modalidade EJA, percebemos possuírem níveis de escolaridade bem diferentes, e iniciamos a conversa com os seguintes questionamentos: *Por qual motivo você parou de estudar? Qual motivo os levou ao estudo na modalidade EJA? Por que tanto receio em se posicionar oralmente? Quais suas experiências com os gêneros textuais escritos?*

Na primeira pergunta responderam que gostavam da escola por vários motivos, principalmente pelos amigos, ou seja, pelos momentos de interação, mas a desistência veio por motivo recorrentes Instigamos essas revelações levando-os a reflexão de suas realidades, e portas que a educação pode abrir, para Freire (1967, p.60) “o homem deve atuar, pensar, crescer, transformar e não se adaptar fatalistamente a uma realidade desumanizante e cabe a escola como principal meio social de formação, trabalhar a autonomia dos seus alunos. Um fato relatado por todos em comum, foi a experiência com alguns professores, justificando que maioria dos que conhecem se acham superiores e “mal-educados”, em especial no ensino de Língua Portuguesa, que os professores ao quais passaram olhavam, somente, para os erros gramaticais e os corrigiam em suas falas, de uma forma rude. Obtivemos as seguintes respostas:

#### **Quadro 01**

Esperança	“Eu casei jovem professora, meu marido é dos tempos antigos, tive que virar domestica para ganhar dinheiro, ser dona de casa e mãe, não dá para fazer mais que isso em um dia não”
Liberdade	“Parei porque nunca tive jeito para capricho de estudo, sempre precisei trabalhar muito e o que eu estudava não adiantava lá nos meus serviços não”
Sociedade	“Como deu para perceber, tenho filhos, e sou bastante nova, mas, mesmo assim, tive que parar no período em que amamentei e que consegui ajeitar minha vida, tenho um marido que não gosta que eu estude, que deixa mais difícil”.
Ato Político	“Quero trabalhar fichado em emprego que eu consiga pelos concursos municipais”
Autonomia	“Quero fazer um curso técnico de ciências agrárias que me ajude a melhorar nosso sítio e colheitas”

Percebemos nesses discursos traço do processo histórico da educação no Brasil, caracterizado pela exclusão das classes populares, ressaltando que a educação nessa modalidade é destinada aos que foram excluídos da escola e na escola, ela deve oferecer uma educação básica adequada aos que não puderam estudar em tempo adequado, sejam jovens ou idosos, igualmente respeitando suas características e assim oferecendo métodos de ensino adaptados às suas especificidades. Na segunda pergunta todos responderam que gostavam da modalidade pelo horário, dando a possibilidade de estudar mesmo possuindo os outros deveres, juntamente a tranquilidade, por se tratar de turmas pequenas e de pessoas com maior maturidade. Vejamos as respostas obtidas para essa pergunta:

### Quadro 02

Esperança	“A idade, com certeza, aqui é bem tranquilo, não tem adolescentes barulhentos, e o horário permite que eu deixe todas as coisas da casa prontas”.
Liberdade	“Faço curso técnico de enfermagem, para receber o certificado, preciso concluir o Ensino Médio, e a noite fica mais fácil”.
Sociedade	“É por conta do horário, por ser a noite, consigo pessoas para ficar com as crianças”

Ato Político	“Trabalho o dia todo, não tem como estudar, já durante essa hora, dá um espaço de tempo que não atrapalha as obrigações”
Autonomia	“Como ele falou, tenho que trabalhar, não dava para estudar durante o dia, ou um ou outro, já de noite fica mais fácil”

O conceito de estudar para essas pessoas deve ter uma função reparadora, compensatória e qualificadora, pois busca reparar os danos causados pela própria sociedade às pessoas que não puderam estudar, atingindo a todos, independente da classe social, e também, qualificadora, pois os sujeitos estudam, desenvolvem suas habilidades e adquirem novas habilidades, preparando-as para novas possibilidades. Na terceira pergunta, transparece as carências do nosso país, relatando as questões sociais, e culturais que infelizmente perduram no nosso país, os discursos seguintes suscitam a necessidade imediata de novas reflexões acerca do trabalho linguístico em sala de aula, que sejam baseadas em colaborar com a participação ativa dos alunos em suas comunidades, ampliando, cada vez mais, a margem do letramento que já trazem em suas bagagens.

### Quadro 03

Esperança	“Não sei falar para muita gente não, tenho vergonha, esqueço das palavras, e ninguém importante quer ouvir a gente não, se eu ouvir palavras fáceis aqui, que me ajude a falar em lugares que eu precise falar em público, para mim já está de bom tamanho”.
Liberdade	“Eu tenho vergonha de falar errado, mas eu até preciso praticar e aprender, porque voltei a estudar para poder receber meu certificado no curso técnico, e quando for trabalhar preciso falar certinho”.
Sociedade	“Digo o mesmo que as outras, e mesmo que a gente gostasse de falar, soubesse falar bem explicado, que a gente se colocasse diante das situações como você falou, eu acho que ninguém quer escutar gente pobre não, e se a gente falasse alto já iríamos ficar com fama de barraqueira”
Ato Político	“Acho muito bonito que sabe se explicar bem, que fala com certeza do que diz, e gente como a professora que nem pensa para poder responder, mas a gente aqui passa tanto tempo pensando no que vai dizer e com medo de falar tudo sem sentido, que deixa logo passar o tempo para desistirem de esperar a resposta”

Autonomia	“Quero aprender, mas é complicado demais, ninguém fala tão explicado assim onde moro, nossos ditados já dizem o que queremos explicar, mas quero saber falar melhor quando conseguir entrar no curso”
-----------	---

Percebemos nos discurso da turma que o pensar na educação é olhar mais diretamente para o ato de ensinar, independente de trabalhar com crianças, jovens ou adultos, é sempre necessário refletir sobre a prática educativa escolhida pelo professor, que essa escolha deve se dá por meio de sua relação com o aluno e do processo de construção do conhecimento, pois, durante a caminhada há uma troca de conhecimento entre os sujeitos envolvidos, muitas vezes alguns professores optam em apresentar conteúdos superficiais que não estimulam esses sujeitos, não os faz pensar, quando ele deve mostrar aos alunos que o conhecimento é algo mutável, que se transforma, que uma nova descoberta supera a outra, e torna-se um conhecimento antigo, e assim também esse novo aprendizado um dia será superado por outro. Já na quarta pergunta, novamente, todos relataram que não sabiam organizar nos papéis seus pensamentos, que tinham, de estética inferior, e que não conseguiam lembrar de tantas regras gramaticais, por isso, preferiam evitar a produção de textos para não passarem por situações desmotivantes, ressaltar, que durante o período de observação, ficou evidente que as respostas da atividade solicitada, eram todas fragmentadas de falas da professora e da própria questão do livro didático.

#### Quadro 04

Esperança	“Eu penso muitas coisas nas horas de explicação, acho que entendi tudo, mas na hora de responder a atividade eu não consigo pensar em boas respostas para escrever”
Liberdade	“Eu tenho uma letra horrível, quase ninguém entende, evito mostrar”
Sociedade	“Eu guardo bem os assuntos, até gosto de parar para fazer as tarefas e ficar pensando sobre elas, mas escrever não gosto, é difícil, lembrar de tantas regas, se é s ou z”
Ato Político	“Eu nunca tive motivos para querer escrever bem, acho que por isso parei de estudar, e hoje me arrependo, mas escrever é a parte mais difícil”
Autonomia	“E também não pensava em escrever como uma coisa de grande importância, nunca praticava, mas hoje em dia, para tudo precisamos

	responder uma mensagem, e precisamos que o outro entenda o que enviamos, e melhorar nas aulas de português vai ajudar né”
--	---

Conforme discutimos neste texto, o papel do educador da EJA é abrir caminhos mostrando possibilidades. Assim, na prática, o professor deve expor os alunos jovens e adultos ao fato de que é possível mudar sua realidade, sua história., apresentando essas possibilidades por meio de conteúdos desenvolvidos que devem corresponder às necessidades educacionais dos alunos; muitas vezes nos deparamos com a necessidade de aulas infantilizadas que ignoram completamente o adulto que está ali, mas que são necessárias na construção de determinado conceito.

Para Martin Buber (1978), filósofo que com a mesma visão educacional de Freire, acredita que uma comunidade se constrói a partir das interações entre os membros do grupo pelo diálogo mediado por um centro vivo que serve como alicerce, um facilitador entre os indivíduos. De acordo Geraldi (2011), as práticas dialógicas buscam “Integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor intérprete” (GERALDI, 2011, p. 19), nessa perspectiva, as relações dialógicas nessa concepção são construtoras das relações Eu- Tu, sendo estas o ato em que se está aberto ao outro e a um novo olhar para o mundo, tornando o papel de mediador/centro vivo do professor. Interação essa, que almejamos conseguir com a turma.

Ao fim da aula, e da proveitosa conversa, solicitamos novamente o texto escrito do gênero dissertativo, o que enfatiza Antunes (2003, p. 45) “uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependem na busca dos mesmos fins. [...] Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto à fala”, considerando tais fatos, sugerimos que relatassem suas próprias experiências, e como se encaixavam nos temas sugeridos, explicando dicas de escrita, pontos importantes para frisar, dialogicamente acrescentando uma relação de segurança e interesse sobre suas experiências, incentivando sua produção, deixando a possibilidade de escolherem temas ausentes da lista de sugestões. Os textos deviam ser trazidos prontos na aula seguinte, lidos em voz alta para os colegas e então discutidos.

### Quadro 05

Esperança	Trabalha como doméstica, previsivelmente para pessoas de classe mais elevada na sua comunidade, optou pelo tema racismo e discriminação social, que também possui uma tonalidade pele escura, a mesma relatou tristes episódios da sua realidade.
Liberdade	Encontrava-se nesta turma por questões de maternidade, inclusive precisava levar a criança para aula, ela optou pelo tema sugerido maternidade e profissionalismo.
Sociedade	Afirmou estar ali principalmente por um futuro trabalhista melhor, para então se especializarem em cursos técnicos, pelo tema sugerido mercado de trabalho.
Ato Político.	O motivo de sua retomada nos estudos, tinha o objetivo de garantir melhores chances no mercado de trabalho, e também pelo tema sugerido mercado de trabalho.
Autonomia	Este, produziu seu texto sobre um tema fora da lista de sugestões e discorreu sobre a Agricultura no Brasil, conforme seu interesse em melhorias na zona rural.

Assim decorreu, a conversa ganhou ênfase e logo cada um se colocou de acordo com seu interesse no tema mencionado. Quando motivamos os alunos de perto, quando eles encontram sentido nas atividades que propomos, quando entendemos suas motivações profundas, quando se envolvem nos projetos para os quais contribuem, quando há uma conversa sobre as atividades e como são realizadas, o aprendizado será mais significativo. Para isso, é fundamental conhecê-los, tirar dúvidas e obter um perfil de cada aluno. Além de conhecê-los, acolhê-los com carinho, construir pontes e se aproximar de seu universo, como eles veem o mundo, o que eles valorizam, partir de onde estão, ajuda-os a ampliar sua compreensão, ver a perspectiva de outras pessoas e abraçar os desafios sendo criativos.

Como foi mencionado anteriormente, trata-se de pessoas com inúmeras particularidades que necessitam de um ambiente acolhedor, inclusive, sobretudo, estimulador, tornando-os indivíduos mais seguros e autônomos, levando a reflexão sobre suas realidades como oportunidade de aprendizagem e amadurecimento. As experiências apresentadas ao longo do projeto reforçaram o desenvolvimento de habilidades sociais, oportunizando o aprimoramento do relacionamento interpessoal, além de um contato direto, o que propiciou o

aprimoramento de habilidades pessoais e posteriormente profissionais, ampliando seus horizontes, influenciando-os no seu desenvolvimento como cidadãos, a valorizarem seus potenciais, e singularidades. Levá-los a refletir e compreender, bem como, se identificar, por meio de conteúdos (textos, imagens e mídias), o contexto social em que este grupo está inserido e as características que o definem, fazendo-os perceber que a diversidade da cultura é que constitui uma sociedade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho realizado aponta para o regresso educacional durante o período pandêmico, gerado pelas dificuldades sociais, em consonância, com a necessidade de ressignificação dos conteúdos após esse retrocesso, neste caso, atenta para a produção textual estar mais próxima das situações reais dos alunos, pois essa perspectiva pode estimular a percepção da escrita dentro de importantes estruturas linguísticas, como prática social indissociável do sujeito leitor/escritor, e do uso da linguagem. Ao visualizar a formação da EJA como uma educação que contribui para a Revisão de Cidadania do Estudante/Trabalhador, considerando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1997, p. 11).

A visão do ponto de vista do aluno do EJA em relação às metodologias escolares, é de insegurança e impotência, causadas pelas suas dificuldades com as expressões linguísticas dentro das regras da norma culta. Mas, com o uso de metodologias voltadas para realidade dos mesmos, redobram-se as possibilidades e avanços, contribuindo de maneira singular no aprendizado. Na intertextualidade, ficou evidente, em suas produções, que fazer uma aproximação do cotidiano da vida dos alunos para os gêneros estudados leva a entender que a intertextualidade se faz, implicitamente, presente nas produções dos alunos. Assim, é possível observar que os estudantes, ao escrever seus textos, consideram não apenas as relações intertextuais isoladas, mas a totalidade da teia intertextual que se estabelece entre o texto e o contexto no qual ele está inserido.

Portanto, pode-se afirmar de uma forma geral que, houve grande esforço mútuo, principalmente por parte dos alunos em realizar a atividade solicitada, ressaltando os aspectos do relato de experiência de vida, que consistiu predominantemente nas produções. Dessa forma,

acredita-se que os textos produzidos representam avanços significativos no ensino e aprendizagem de línguas como parte integrante da formação histórica e social dos sujeitos/alunos inseridos no modelo EJA.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Ensino Híbrido, rotas para implantação na educação infantil e no ensino fundamental, Pró Infantil**, Editora Curitiba, 2020.

ANTUNES, I. **Aulas de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, I. **Ensino de Língua Portuguesa: repercussões educacionais, políticas e socioeconômicas**. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Política e educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 57 p. v. 23.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. **Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca dos 15 elos perdido da educação escolar em tempos de COVID-19**. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. 1-29, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORALES, J. (2020). **Os Impactos Psicológicos do Ensino a Distância: Psicóloga da Escola SESC fala sobre os problemas de estudar durante a pandemia e como lidar com eles**. Guia do Estudante, 27 maio 2020. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/os-impactos-psicologicos-doensino-a-distancia/>. Acesso em: 10 out. 2022.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2014.

SILVA, Henriqueta A.; NOGARO, Annaldo. **Professor reflexivo: prática emancipatória?** Editora CRV, 2015